



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

MARINA OLIVEIRA COSTA

**CONTRIBUIÇÕES DO ESTÁGIO CURRICULAR PARA A FORMAÇÃO
DO PROFESSOR**

Brasília

2016



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

MARINA OLIVEIRA COSTA

**CONTRIBUIÇÕES DO ESTÁGIO CURRICULAR PARA A FORMAÇÃO
DO PROFESSOR**

Brasília

2016

Marina Oliveira Costa

CONTRIBUIÇÕES DO ESTÁGIO CURRICULAR PARA A FORMAÇÃO DO PROFESSOR

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia, à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da professora Dra. Patrícia Pederiva.

Brasília

2016

Marina Oliveira Costa

CONTRIBUIÇÕES DO ESTÁGIO CURRICULAR PARA A FORMAÇÃO DO PROFESSOR

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia, à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da professora Dra. Patrícia Pederiva.

Comissão examinadora:

Dra. Patrícia Lima Martins Pederiva (Orientadora- Presidente da banca)

Doutoranda Ana Paula Ferreira PPGE UnB

Doutorando Murilo Rezende PPGE UnB

Doutoranda Antônia Cadija Alves PPGE UnB (suplente)

Brasília

2016

OC837c Oliveira Costa, Marina
Contribuições do estágio curricular para a formação
do professor / Marina Oliveira Costa; orientador
Patrícia Lima Martins Pederiva. -- Brasília, 2016.
38 p.

Monografia (Graduação - Pedagogia) -- Universidade
de Brasília, 2016.

1. professor. 2. estágio curricular. 3. estudante
de pedagogia. I. Lima Martins Pederiva, Patrícia,
orient. II. Título.

Dedico este trabalho a todos os meus colegas de profissão que assim como eu, tiveram coragem de embarcar nessa aventura que é ser professor, realizando esta missão com amor e dedicação.

AGRADECIMENTOS

Creio que a gratidão enobrece o ser humano, logo, não poderia deixar de fazer aqui, meus sinceros agradecimentos à todos que contribuíram para minha formação como pedagoga e como pessoa.

Primeiramente, agradeço aos meus pais Luiz e Conceição por todo o apoio . Ao meu irmão, Luiz Guilherme, sempre preocupado com a minha educação e que teve total influência na minha escolha pela pedagogia. Obrigada por tê-los sempre perto para me espelhar.

Às minhas amigas da vida: Ingrid e Carol por protagonizarem as histórias mais divertidas da minha infância. À Bia, Carolina, Renata e Lorena por não desistirem de mim. Agradeço aos amigos, que são a família que pude escolher: Rafaela, sem ela esse TCC nunca teria saído; Camila, fortalecendo a nossa amizade a cada dia; Yuri e Tiago, meus meninos de ouro. Do fundo do meu coração, agradeço ao Arthur, meu amigo e melhor companheiro. Obrigada pela paciência quando eu acordo “caducando”.

Gratidão à professora Patrícia Pederiva que me acolheu com paciência e compreensão para finalmente fazer a minha formatura virar realidade. Não posso deixar de ser grata à professora Teresa Cristina que me acompanhou desde o início do curso, com muito carinho.

Por último, agradecerei para sempre à Universidade de Brasília, os professores e amigos que tive o prazer de conhecer. Não há palavras para descrever a mudança que passei ao entrar na Universidade e conhecer todas as suas possibilidades de liberdade, expressão e conhecimentos.

“Ninguém além de nós mesmos pode libertar nossas mentes”

Bob Marley

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo abordar o estágio curricular como peça fundamental para a minha formação como professora. Foram trazidos à tona os obstáculos encontrados na docência e caracteriza a profissão baseando-se em teorias e experiências vivenciadas nos estágios durante o curso de pedagogia. O projeto enfatizou as contribuições das atividades teórico-práticas, por meio do estágio curricular, para a minha formação como professora.

Palavras-chave: Professor, Estágio Curricular, Estudante de Pedagogia

ABSTRACT

This graduation project has the goal of approaching curricular internship as a key element to my formation as a teacher. Obstacles faced while teaching are brought to light, and it also characterizes the profession based on theoretical study and experiences in internships during the pedagogy course. The work aims to emphasize the contributions of theoretical-practical activities by means of curricular internship, to my formation as a teacher.

Keywords: Teacher, Curricular Internship, Pedagogy Student.

SUMÁRIO

Memorial	
Introdução	18
Capítulo 1 – Conhecendo o estágio curricular	19
Capítulo 2 – Contribuições do estágio curricular	23
2.1 – Experiências adquiridas.....	24
Capítulo 3 - Tornando-se professor.....	30
Considerações finais.....	36
Perspectivas profissionais	37
Referências	38

Memorial

Nasci em 15 de novembro de 1990, numa quinta-feira ensolarada de feriado em Brasília. Meus pais me deram o nome Marina, que significa "aquela que veio do mar". Acredito que com todas essas circunstâncias, eu já nasci predestinada a ter uma vida cheia de luz.

Minha luz começou a acender lá na década de 1970 quando meus pais se conheceram. Meu pai de Minas Gerais e minha mãe do Piauí se encontraram no centro do país para que desta mistura surgisse a família que tenho hoje. Meus pais, Luiz e Conceição, e meu irmão mais velho, Luiz Guilherme, sempre foram meu referencial e são a base do que eu me tornei hoje. A luta dos meus pais para dar o melhor para os filhos só me faz querer retribuí-los a cada dia.

Talvez os astrólogos tentem nos responder quem somos, o que buscamos e as nossas aptidões, mas acredito que é a construção do mundo ao nosso redor que nos cria e nos transforma ao longo dos anos, resultando em quem somos hoje.

Precisei ir fundo nas lembranças para construir esse memorial. São tantas coisas que a mente se perde em memórias de um quarto de século de vida. Os fatos vão se misturando, fazendo um misto de emoções e recordações nas quais vão surgindo a história da minha vida até aqui.

É durante a minha trajetória escolar que começo a guardar minhas primeiras lembranças da infância, pois antes não tinha muito contato com outras crianças. Comecei a estudar em uma escola pública e neste sistema permaneci até a sétima série, cursando dois anos em cada escola. A partir da oitava série passei a frequentar escolas particulares até o fim do ensino médio. Foram sete escolas ao total. Contarei o máximo que conseguir me lembrar desses longos anos de caminhada escolar.

Minha vida de estudante começou aos 5 anos, chorando no primeiro dia de aula, na escola Jardim de infância da 302 Norte, em Brasília. Me lembro de momentos dentro da sala, principalmente da casinha de bonecas encostada numa parede de vidro que dava para um jardim externo. Achava lindo. Minha primeira professora foi a Eliane e infelizmente não me lembro muito bem de sua fisionomia. Foi o meu primeiro contato com a realidade escolar. No Jardim II foi onde conheci a pessoa que seria a minha primeira amiga e que me acompanha há vinte anos. A Carol, apesar de ser de outra turma, tornou-se minha companheira inseparável

nos intervalos. Nos finais de semana íamos brincar juntas e as lembranças de nossas brincadeiras me fazem rir até hoje por conta de tamanha criatividade.

Na primeira série, fui matriculada na Escola Classe 312 Norte. A professora era alta, pálida e com um cabelo enorme e preto. Achava uma figura bem interessante, tanto que não esqueci de seu rosto até hoje. A professora Sandra me ensinou a ler as horas e me apresentou números e letras, dando os primeiros nós na minha cabeça de estudante.

No ano seguinte, ainda na E.C. 312, os princípios básicos de matemática começaram a me dar muito trabalho mas passei muito bem por esses dois anos. As minhas melhores lembranças dessa escola são as inúmeras brincadeiras que criávamos no recreio e uma festinha de aniversário que a minha mãe preparou para mim e meus colegas de sala.

Os meus sete anos de idade foram marcados por férias incríveis que passei com a minha família. Pegamos o carro, uma caminhonete, e viajamos para a Bahia. No caminho passamos por Serra dos Aimorés, cidade onde meu pai nasceu, em Minas Gerais. Vi como tinha sido a infância dele, a casa onde morava, a escolinha onde teve suas poucas aulas na vida. Tudo muito humilde e tocante, como se tivesse uma parte de todos nós da família naquele lugar. Na Bahia, me diverti como nunca nas areias branquinhas e na água morna. Fiquei tão bronzeada a ponto de me tornar irreconhecível. Meu nome passou a ter ainda mais significado para mim após o encontro com o mar. Tenho fortes lembranças dessa viagem e conto dela para meus amigos até hoje.

Na terceira série, mudei novamente de escola para a Escola Classe 115 Norte. Lá éramos da terceira série “A”, da professora Marinalva, lembrada até hoje por seu jeito bravo e atencioso de ser. No primeiro dia de aula conhecemos a Ingrid, uma menininha tímida mas que logo entrou para as nossas brincadeiras e nelas permanece há 16 anos.

Quando passei para a quarta série, fiquei em uma turma diferente das minhas amigas e isso foi muito difícil para mim. Esse ano tive muitos problemas com matemática. A professora, Tatiana, não ajudava muito. Depois que cresci entendi que a maneira que ela gostava não era a melhor para mim. Chegava a fazer as mesmas operações mais de 10 vezes, sem sucesso, e ela só mandava repetir e repetir sem apontar os erros ou me dar outro caminho para a solução do problema. Isso me traumatizou, pois depois disso nunca consegui ter uma boa relação com a matéria.

Na quinta série, a Carol foi matriculada em uma escola particular também na Asa

Norte e passamos a nos encontrávamos só aos fins de semana. Agora era só eu e a Ingrid na Escola Classe 102 Norte e lá as coisas eram bem diferentes. Um professor pra cada matéria, existia recuperação, a mochila de carrinho já tinha virado chacota, coisa de criança. Fiquei assustada com o que via acontecendo entre os alunos. Namoricos pelo corredor, boatos de que fulano queria "ficar" com siclana. Passei muito tempo a parte dessas histórias, pois eu, a Carol e a Ingrid só queríamos saber de casamento se fosse com as bonecas que brincávamos.

Na 102 Norte vi o Brasil ser Pentacampeão da copa do mundo de futebol, conquistei medalhas por boas notas, recebi minha primeira cartinha de amor, ganhei um bingo, saí sozinha com as minhas amigas pela primeira vez, comecei a sentir as mudanças do meu corpo. Me senti crescer naquele ano.

Na sétima série, minha mãe não conseguiu vaga na escola em que queria me matricular e não tínhamos condições financeiras para pagar uma escola particular naquele ano. Fui então, matriculada no Centro de Ensino Fundamental 07, na Asa Norte. Lá as crianças eram diferentes das que frequentavam as outras escolas. Tinham muitos jovens já envolvidos em medidas socioeducativas. Haviam casos de tráfico de drogas pelos alunos, bebidas dentro da escola e vandalismo contra os bens de alguns professores. A escola estava sempre escoltada por um policial militar.

Apesar da pouca fé que depositavam na escola, os professores eram muito bons. Lembro das aulas de história até hoje e posso dizer que realmente aprendi o conteúdo daquele ano. Sentia a dedicação do professor de matemática, das propostas inovadoras da professora de geografia e o apoio da professora de artes. Fiz amizades novas, aprendi a usar a internet. Cresci mais um pouco e fui promovida a "aborrecente".

Este ano foi marcado por outras férias incríveis, dessa vez com a minha amiga Carol e nossas famílias. Fomos para Ilhéus, na Bahia. Lá, aprendi a pegar onda, andar de caiaque, fiz esculturas de argila e castelinhos de areia. Aprendi também a ser paciente e a tolerar a convivência com outras pessoas que não eram minha família já que as opiniões nem sempre batiam.

Outro fato marcante, não tão empolgante como a viagem, foi a descoberta de um problema de visão raro, o ceratocone, que sem tratamento adequado poderia levar a cegueira. Eu tive que fazer um tratamento especial e caro. Neste momento vi o desespero e, ao mesmo tempo, o esforço dos meus pais para solucionar o meu problema. Fiz o tratamento correto e

anos depois, em outro exame, constatamos melhora na doença.

Na sétima série, sofri a minha primeira recuperação em matemática, levei minha primeira advertência, namorei um mocinho de caráter duvidoso, senti vergonha de falar que ainda brincava de boneca e minha mãe decidiu que eu não ficaria mais um ano na escola. Finalmente, depois de várias descobertas e mudanças, o ano chegou ao fim, eu me despedi dos amigos e encerrei minha jornada no sistema público de ensino.

Interrompi a minha tradição de dois anos em cada escola e ingressei em uma escola particular. O governo tinha uma proposta de bolsas integrais e parciais para estudantes de baixa renda em diversas escolas particulares de Brasília. Meu irmão buscou todas as informações necessárias para me inscrever e realizou todos os procedimentos de documentação.

Conquistamos a bolsa de cinquenta por cento para o colégio Sagrada Família, escola católica, particular de Brasília. Tive um grande choque de mudança nas amizades, das dependências da escola, do tamanho, do tanto de alunos e principalmente do ensino. Senti uma grande diferença, pois, tinham coisas que eu não tinha aprendido nas outras séries na escola pública. Apesar das dificuldades consegui me adaptar bem e fui uma boa aluna, com exceção da matemática, claro.

Porém, minha sina de passar apenas dois anos em cada escola se repetiu mais uma vez. Meu pai conheceu o dono de uma escola no lago norte, o Colégio do Sol. Dessa amizade seugiu a oportunidade de que eu estudasse no colégio. Foi uma tristeza só pois não queria mudar de escola mais uma vez. Não teve jeito, no segundo ano mudei de escola novamente.

No Colégio do Sol a mudança foi maior ainda. O colégio é no Lago Norte, bairro de classe média alta de Brasília, logo os alunos também tinham uma realidade financeira bem diferente da minha. Motoristas em carros do ano buscavam alguns alunos na porta da escola, enquanto meu irmão me buscava no carrinho simples de universitário dele, o único da casa. O Colégio era lindo, tudo de boa qualidade e estrutura maravilhosa. Eu nunca fui de família rica e senti a diferença, era gritante.

Porém, o ensino me parecia ser voltado para que garantíssemos nossa vaga em uma faculdade particular de sucesso, pois, senti falta de conteúdos cobrados no vestibular da UnB e Não senti tanto apoio de alguns professores. Foi um desespero, pois todas as minhas amigas de outras escolas já tinham entrado em cursinhos pré-vestibulares. Mas, mais uma vez

consegui me adaptar, fazer amigos e a me virar com meus estudos. Fui a única daquela turma do Colégio do Sol a passar para a Universidade de Brasília e, infelizmente, não tenho mais contato com quase ninguém. Apesar da minha resistência inicial ao Colégio, traçei novas metas, sonhei acordada iniciando o projeto da vida adulta e me lembro com muito carinho de todos aqueles que conheci por lá.

Quando me formei no ensino médio, travei a árdua batalha para passar no vestibular fazendo cursinho. Fiz cursinho pré-vestibular junto com as minhas amigas que também não tinham tido sucesso na primeira prova. O cursinho, na verdade, me ensinou mais coisas sobre o início da vida adolescente. Fiz dezoito anos, por isso achei que ganharia o mundo e esqueci dos estudos, como a maioria dos adolescentes fazem em alguma fase da vida.

O resultado dessa minha fase foi a reprovação em três vestibulares. Meus pais, aflitos por eu não estar cursando uma faculdade ainda, decidiram me matricular numa faculdade particular, no curso de Secretariado Executivo, na faculdade Alvorada.

O curso me surpreendeu muito por ter matérias básicas que seriam necessárias ao vestibular como redação, inglês e gramática. O contato com o sistema particular de ensino superior foi uma experiência muito curiosa já que a minha convivência social era na UnB devido aos meus amigos estudantes da Universidade.

No fim do primeiro semestre de 2010, prestei o vestibular novamente para Pedagogia. Fiz a prova com mais calma. Desta vez já não sentia mais tanta pressão e já não tinha mais motivos para ficar tão preocupada com a aprovação. No emblemático dia 25 de agosto de 2010, fui aprovada no vestibular para Pedagogia. Junto com meu irmão, já formado no curso, fui para UnB receber as tradicionais boas-vindas com tinta no teatro de arena da Universidade.

Optei por manter o curso de Secretariado Executivo junto com a graduação em Pedagogia. Logo no primeiro semestre senti a diferença entre a Faculdade Particular e a Universidade Federal. Os conteúdos, a metodologia mais “liberal” da UnB e a magia em ser calouro se diferenciavam do perfil dos estudantes, as vezes, mais comprometidos da Faculdade Particular pois, muitas de minhas colegas trabalhavam o dia inteiro para investir na Faculdade, vendo o curso como a grande solução de suas vidas financeiras. Isso me ajudou a entrar na Pedagogia com o pensamento mais aberto sobre as diferentes opiniões das pessoas, respeitando e compreendendo-as com mais facilidade.

No segundo semestre, senti necessidade de me dedicar mais ao curso de Pedagogia pois, a empatia pelo curso tinha superado a funcionalidade do Secretariado executivo. Decidi abandonar a Faculdade Particular e me dediquei somente à Pedagogia. Me interessei pelas áreas de atuação e logo tomei iniciativa de procurar estágios em educação. A partir do terceiro semestre do curso iniciei uma “saga” em estágios curriculares que foram a base da minha formação como pedagoga

É difícil descrever em algumas páginas todos esses anos da minha trajetória universitária. Cresci como profissional, como amiga, irmã e filha. Em meio a várias novas amizades, aprendizados e descobertas me tornei adulta. Construí ideias, opiniões próprias e soube defendê-las quando me foram questionadas.

No ano de 2016 estou me formando no curso de Pedagogia pela Universidade de Brasília, após seis anos e meio do meu tão sonhado ingresso à uma Universidade Federal, que me prometia uma educação de qualidade. Não tenho dúvidas em garantir que essa promessa foi cumprida. Me considero feliz, plena em minha escolha profissional e realizada em minha vida pessoal, junto a meus amigos e familiares.

Introdução

Este trabalho final de curso trata-se de um estudo teórico, realizado através de observações e experiências sobre o estágio curricular, se feito de forma adequada e supervisionada, e suas contribuições para a minha formação como professora pedagoga. Aborda o processo de formação docente e quais são os caminhos para alcançar uma carreira plena e eficaz com o auxílio da prática de estágio.

Apresenta o estágio curricular destacando a Lei 11.788 e a Faculdade de Educação da Universidade de Brasília – FE/UNB que oferecem aos estudantes oportunidades de estágio supervisionado como parte obrigatória da formação e além disso, mostra que o graduando também é livre para realizar estágios optativos dentre as diversas áreas oferecidas no curso.

Aponta-se que cada sujeito tem seu comportamento e ações diferenciadas, tornando a realidade um desafio para mim, enquanto estudante de pedagogia pois, os educandos têm sua autonomia e são livres para criar qualquer situação inesperada para o estagiário que visa ser professor, fazendo-o desenvolver habilidades práticas que o ajudarão em sua reflexão sobre a escolha da profissão e, futuramente, a exercer a docência.

Veremos como essas oportunidades auxiliam no processo de formação dos futuros professores, estudantes de pedagogia. Levando em conta as experiências que tive como estagiária durante a minha graduação, acredito que tratar deste tema, auxiliará o processo de construção dos futuros professores que estão sendo formados no curso de Pedagogia.

Capítulo 1 – Conhecendo o estágio curricular

Quando compramos uma roupa ou um sapato, costumamos experimentá-los antes de decidir. Uma noiva, para seu casamento, faz a prova das comidas a serem servidas; para os carros temos o “teste drive”. Com a nossa profissão não poderia ser diferente. Uma escolha tão importante também merece tais precauções. O estágio durante a graduação seria, então, o “provador” dos estudantes de pedagogia, mostrando os prós e os contras da profissão, auxiliando a afirmação do estudante quando profissional.

De acordo com o Art. 1º da lei 11.788 de 25 DE SETEMBRO DE 2008, que rege o estágio curricular, assegurando seus direitos e deveres, diz que:

O estágio é o ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa preparação para o trabalho produtivo de educandos que estejam frequentando o ensino regular em instituições de educação superior, de educação profissional, de ensino médio, da educação especial e dos anos finais do ensino fundamental, na modalidade profissional da educação de jovens e adultos (BRASIL, Lei 11.788, de 25 de setembro de 2008).

A curso de Pedagogia na Universidade de Brasília forma profissionais para exercer a prática docente na educação infantil e no início de escolarização para diferentes níveis de aprendizados no ambiente escolar e, também, fora dele. Para a Faculdade de Educação – FE/UnB, a formação acadêmica dos estudantes de pedagogia deve compreender a relação entre ensino, pesquisa de extensão e a construção teórico-prática no campo educacional. O futuro pedagogo acumula saberes de áreas distintas, mas que se completam fazendo-se necessário a busca por novos conceitos e articulações práticas. Por isso:

O estágio precisa estar em interação com a realização do projeto pedagógico do curso de Pedagogia e das Licenciaturas como um todo. [...] É preciso que o estágio se caracterize como integralizador da teoria/prática pedagógica como um dos eixos nucleares do curso de formação de professores (PEREIRA E PEREIRA, 2012, p. 25).

O currículo do curso de Pedagogia na UnB abrange diversas formas de atuação distribuídas em várias áreas de educação. Escolas, empresas, organizações e movimentos sociais, planejamento e avaliação educacional compõem o leque de atividades disponíveis a serem desenvolvidas pelo graduando. Para decidir qual área de atuação seguir é necessário ter conhecimento das possibilidades de atuação, buscar aquela pela qual tem maior empatia e que combine com o perfil profissional, para garantir o acerto de sua escolha.

Como previsto na Lei 11.788, de 25 de setembro de 2008, a Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, FE/UnB, oferece aos graduandos de Pedagogia o estágio

curricular supervisionado como parte obrigatória da formação a ser realizado nos semestres finais do curso. Além disso, o estudante também é livre para fazer estágios não obrigatórios, como complementação de sua formação acadêmica desde o início de sua graduação. Assim, é descrito na Lei 11.788 que:

Art. 2º O estágio poderá ser obrigatório ou não-obrigatório, conforme determinação das diretrizes curriculares da etapa, modalidade e área de ensino e do projeto pedagógico do curso.

§ 1º Estágio obrigatório é aquele definido como tal no projeto do curso, cuja carga horária é requisito para aprovação e obtenção de diploma.

§ 2º Estágio não-obrigatório é aquele desenvolvido como atividade opcional, acrescida à carga horária regular e obrigatória (BRASIL, Lei 11.788, de 25 de setembro de 2008).

O contato com a prática docente, implica na aproximação e na vivência do projeto pedagógico da escola, bem como na possibilidade de participação, reflexão e questionamento das práticas educacionais, para que seja possível da sua construção e desconstrução, observando a complexidade das relações que geram conflitos e contradições.

Nem sempre as práticas pedagógicas realizadas na escola serão coerentes com as concepções aprendidas em outros contextos no decorrer da formação acadêmica do estagiário e aí o estudante percebe que as instituições, muitas vezes, não garante de fato os direitos do aprendiz. Por isso é necessário desenvolver a capacidade crítica dos estudantes de Pedagogia, dando a possibilidade de vivenciar e suportar as diferenças entre a teoria e a prática, elaborar meios para superar as contradições da profissão, negociar espaços de atuação e construir soluções criativas tendo a ajuda dos professores da universidade, durante a graduação.

O futuro professor que opta pela prática de estágio, pode deparar-se com uma variedade de obstáculos no ambiente profissional tais como a metodologia irreversível de algumas escolas cria barreiras que separam a vontade de mudança do estagiário do método utilizado pela instituição, que tradicionalmente cala a voz do estudante.

Ao iniciar a vida como professor você entra pela escola adentro, sem saber direito o que esperar. E nem sempre é fácil estar ali: há muitas expectativas, uma variedade de papéis a desempenhar, uma hierarquia a seguir, uma organização do trabalho a respeitar (Ofício de professor, 2002, p. 11).

Ter um conhecimento prévio da prática docente é uma tática para minimizar as surpresas e se preparar para as experiências que serão adquiridas com a vivência da profissão. Dessa maneira, o estagiário não pode ser silenciado, mas sim ouvido, a fim de que sua

participação e presença no contexto escolar possa auxiliar professores e demais educadores a ampliar o conhecimento a respeito da teoria e da prática que está sendo estudada na graduação.

Como em qualquer profissão, no momento em que iniciamos a prática de uma atividade, surgem dúvidas do que e de como fazer o que nos é demandado. Se tratando de educação, onde interagimos com o estudante, em seu contexto familiar e social, isso não seria diferente, tão pouco mais fácil.

O Programa de Aprendizagem para Professores (2002, p. 14) enfatiza que “o contato com outros professores ajuda muito na formação do comportamento profissional e, em especial, na transformação de atitudes.” Espera-se, então, que os demais professores, já graduados, façam parte do processo de descoberta do estagiário como um facilitador da relação teórico-prática na escola.

As relações existentes dentro do ambiente escolar geram inúmeros conflitos, e muitas vezes, conflitos que são externos ao meio acadêmico acabam sendo levados e discutidos nas escolas. Por esse motivo, ao meu ver, confiança, observação e, especialmente a teoria são um dos ingredientes cruciais para assimilar a prática, mas é comum encontrarmos estagiários com medo de ousar e sem domínio suficiente do que lhe é ensinado. A falta de orientação muitas vezes atrapalha o desempenho do estagiário resultando em insegurança e ineficiência no ensino. Assim,

O fato, porém, de que ensinar ensina o ensinante a ensinar um certo conteúdo não deve significar, de modo algum, que o ensinante se aventure a ensinar sem competência para fazê-lo. Não o autoriza a ensinar o que não sabe. Responsabilidade ética, política e profissional do ensinante lhe colocam o dever de se preparar, de se capacitar, de se formar antes mesmo de iniciar sua atividade docente (FREIRE, 1997, p. 19).

Certa vez, uma de minhas alunas, de quatro anos de idade, constatou que estava sempre aprendendo. Enquanto lavava as mãos para lanche, tentei auxiliá-la e prontamente ela me respondeu: “Professora, eu não preciso mais de ajuda aqui. Desde pequena eu estou aprendendo e vou aprender até o dia em que eu morrer, mas lavar as mãos eu já aprendi”. Refleti o resto do dia sobre essa frase e constatei o que eu teria de fazer para me tornar uma boa professora. Estar constantemente aberta para o aprendizado, assim como a minha aluna, tornar cada descoberta deles como se fossem minhas e adaptar as metodologias, seria a melhor forma de entender crescimento dos alunos.

O estagiário, como futuro professor, não pode se satisfazer somente com os conteúdos que são compartilhados na Universidade. Ele deve estar em constante construção pessoal e profissional. Assim, poderá conseguir crescer em sua carreira e tornar-se um docente com experiência nas práticas pedagógicas capazes de influenciar no aprendizado de seus estudantes.

O espaço do estágio deve possibilitar uma produção de conhecimento que não se limite a simples transferência ou “aplicação” de teorias ou de conteúdos mas que seja o eixo de articulação entre teoria-prática, entre os conteúdos de formação de professores e o conhecimento da realidade da sala de aula da escola básica (PEREIRA E PEREIRA, 2012, p. 24).

Assim como toda decisão que tomamos ou uma escolha que fazemos, é necessário renunciar a outra coisa. Com o estágio, renuncia-se a dedicação, quase exclusiva, exigida pela UnB. Conciliar a carga horária de estudos com todo o esforço que é feito na prática pedagógica, pode auxiliar o graduando a tornar-se um estrategista, ágil e eficiente em seu planejamento. Logo, a prática do estágio curricular é mais um desafio a ser vencido pelos futuros pedagogos.

Perguntas como “o que devo fazer agora?” ou “será que é isso mesmo que eu quero?” são frequentes no vocabulário de estagiário e os fazem buscar conhecimento sobre sua realidade, refletir a escolha do curso, procurando ser um profissional realizado em sua profissão. Ser estagiário proporciona um aprendizado diário em que o estudante precisa articular situações do cotidiano da profissão, tendo como base teorias estudadas durante o curso e criando soluções para os problemas que muitas vezes não estão descritos dos livros.

Nesse contexto, vão se atualizar diversos saberes pedagógicos do professor por meio de reorganização e significação de saberes. Daí a importância de um embasamento teórico para fundamentação da prática docente (PEREIRA E PEREIRA, 2012, p. 30)

Portanto, ao realizar o estágio curricular, a teoria estudada passa a ganhar mais sentido e conseqüentemente, dará significado a prática do estudante estagiário. Somente a partir da prática o graduando em Pedagogia conseguirá construir uma visão crítica a respeito da educação e das metodologias de ensino presentes nas escolas. Com isso vemos a necessidade de uma parceria entre professor regente e estagiário, na qual a base acadêmica é o elo entre a teoria estudada pelo graduando e a realidade vivenciada no ambiente profissional. O estágio, se bem orientado, é um dos pilares da construção do pedagogo e contribui para uma formação sólida.

Capítulo 2 – Contribuições do estágio curricular

Quando entrei para o curso de pedagogia, assim como todo jovem, não tinha muita certeza do que queria. Tive dúvidas, pensei em trocar de curso fazendo um novo vestibular para psicologia, sem sucesso. Essa dúvida me atormentou até conquistar o primeiro estágio e a partir do contato com a prática pedagógica todos os meus sentimentos mudaram em relação a profissão que havia escolhido.

Calderano (2012) aborda que o “estágio curricular serve para articular teoria e prática, permitindo a aproximação gradual de alunos frente ao campo profissional”, para que assim, o processo de construção do estudante, futuro pedagogo, seja mais fácil frente ao trabalho docente.

O estágio se fez indispensável durante a minha formação, pois consegui entrar de fato em contato com a realidade escolar, com o aprendizado gerado pela prática e vivenciando as dificuldades existentes nas diversas áreas que o curso oferece.

Em acordo com Vigotsky (2003, p. 298) quando ele diz que “é preciso dizer francamente que os mais aptos podem se tornar professores”, me recordo de todos os desafios que já enfrentei até agora e acredito sempre na busca pelo meu aperfeiçoamento pessoal e profissional procurando sempre ser sincera em minhas atitudes relacionadas a profissão.

Com auxílio de anotações, relatos da memória e referências acadêmicas acumuladas durante o curso de Pedagogia na Universidade de Brasília, neste capítulo reflito sobre como a prática pedagógica adquirida durante os diversos estágios que experimentei, enquanto estudante, contribuíram para que hoje eu esteja concluindo o curso de pedagogia, certa de minha escolha e buscando cada dia mais o conhecimento educacional prático e lutando por melhorias no ambiente profissional do pedagogo.

2.1 – Experiências adquiridas

Ainda me recordo o dia da entrevista de estágio no Museu de Valores do Banco Central do Brasil. A vaga era para a monitoria das visitas das escolas ao museu e seus demais visitantes. O nervosismo por conta da entrevista estava tomando conta de mim pois, queria muito conquistar aquela vaga. Chamei então, por medo de ir sozinha, e por inocência demais nas minhas boas ações, uma colega de curso. Fizemos a entrevista juntas. Ela conseguiu a vaga e eu não. Fiquei muito decepcionada mas para a minha surpresa, algumas semanas depois, surgiu uma nova vaga no museu e eu fui contratada.

Meu pai, então, questionou sobre a minha grade horária e se eu conseguiria conciliar os estudos com o estágio. Imediatamente percebi o desafio que me esperava. Porém, aprender na prática é a complementação do estudo acadêmico e eu não queria perder essa oportunidade. Interrompi algumas matérias para poder conciliar os horários, mas mesmo assim, estava certa quanto a minha escolha.

Conciliar estudos com o estágio foi, de fato, um desafio enquanto estudante. A exigência pela busca de conhecimentos, sempre atualizados, atualizados exigidos pelo mercado de trabalho tomava um tempo precioso, muitas vezes excluindo o momento de estudos acadêmicos. Com isso, Vigotsky nos faz perceber que:

Antes se desejava que o professor conhecesse sua matéria e o programa e que soubesse dar alguns gritos na sala de aula ante um caso difícil. [...] Exige-se do professor um elevado conhecimento da matéria e da técnica de seu trabalho (VIGOTSKY, 2003, p. 300).

No meu primeiro estágio o contato com as crianças era pouco e bem objetivo, pois fazia a monitoria do museu para as escolas visitantes. As visitas eram simples, apenas uma por dia, num período de 6h. No começo foi muito difícil, era o meu primeiro estágio, a primeira vez que teria que vencer minha timidez e realmente confiar no meu potencial, a primeira vez que ganharia dinheiro com o meu trabalho. A pressão de horário, a responsabilidade.

Éramos uma equipe de três estagiários, os mais velhos ajudavam os mais novos e com o tempo eu fui aprendendo e me soltando. Nós passávamos muito tempo juntos e assim formamos uma equipe muito unida e que gostava de estar ali, trocando ideias para melhorar as visitas e a nossa convivência em equipe. Fazíamos decorações na sala, éramos amigos dos chefes aos faxineiros. Exercíamos nosso trabalho muito bem. Dois estudantes futuros historiadores e uma estudante de pedagogia. Contávamos, então, histórias como ninguém para as crianças.

Fazer do estágio um lazer também é válido. Ter uma boa relação com os colegas te dá mais autonomia e transmite confiança, dando a possibilidade de exercer melhor o estágio.

Em um ano no museu, descobri muita coisa, planejei novas metas. Fiz amizades incríveis e o ambiente de trabalho era bem agradável, de onde sinto saudades e dou muito valor ao conhecimento adquirido por lá.

Alguns meses depois, em janeiro, resolvi me candidatar para estágio em escolas particulares de educação infantil. O estudo teórico adquirido na graduação me deixava curiosa em conhecer de perto a realidade descrita naqueles textos estudados em sala de aula.

Havia uma vaga em uma escola, perto do local onde eu morava. Decidi fazer a entrevista e, para meu orgulho, dentre quarenta meninas presentes na seleção, fiquei entre as dez contratadas. Foi um processo seletivo difícil, com perguntas que tocavam o pessoal, simulações de situações em sala de aula. Me senti completamente perdida mas a minha vontade de aprender sobre aquilo transpareceu mais que o nervosismo.

O estágio na área escolar seria um dos maiores desafios na construção da minha carreira. Para quem pensou em mudar de curso, seria mesmo uma boa ideia encarar o ambiente escolar, onde a pedagogia é evidentemente posta em prática? A dúvida em ser capaz me instigou ainda mais e a surpresa que tive em aceitar esse desafio foi um divisor de águas na minha vida profissional.

O INDI – Instituto Natural de Desenvolvimento Infantil, uma escola com uma filosofia educacional própria, a de aprender fazendo, com autonomia e criatividade, foi onde percebi o quanto eu gostava do meio educacional. O contato com as crianças proporcionou descobertas em relação ao meu profissional e até mesmo ao meu pessoal.

Na escola, minha função como estagiária era a de assistente de classe, no turno integral, no projeto de formação continuada da escola, e não tive oportunidades de regência em sala de aula. O objetivo do projeto era estimular a criatividade e a psicomotricidade da criança. Com orientação das professoras regentes, passava diversas atividades dentre jogos, desenhos, e artesanato. As crianças tinham, também, modalidades esportivas inclusas no projeto.

Os educandos tinham idades variadas e, por isso, de uma só vez, aprendi um pouco das características de cada fase da infância. Vivenciei cenas de crianças com quatro anos de

idade que pareciam ter nove e crianças de nove que pareciam ter quatro, em termos de maturidade, colocando em cheque todos os autores que me escreveram sobre peculiaridades e diferentes personalidades já na infância.

Vigotski (2003, p. 293) afirma que “os diferentes elementos do comportamento se combinam de forma tão complicada que é preciso escolher formas sintéticas de observação”. Os procedimentos sugeridos nos livros, muitas vezes tem de ser adaptados para a realidade, exigindo criatividade e sensibilidade do professor, para cuidar de cada caso com a maestria devida.

Observei traços da descoberta da sexualidade infantil. A inocência nas atitudes, o brilho da descoberta do próprio corpo. Meus professores não me reportaram a intensidade da emoção que eu sentiria ao presenciar esses simples fatos que definem o ser, a criança quando adulta. Fazer parte desses momentos é significativo tanto para o professor quanto para a criança.

Vi coisas que não acreditava, situações descritas que eu pensava ser exageradas na teoria, como por exemplo a criança que dá adeus às suas necessidades fisiológicas enquanto dá descarga. Um gesto tão simples para a criança, que para um adulto não faz mais nenhum sentido, era realmente um fenômeno, igual ao que os livros me disseram. A teoria vista na realidade torna a prática coerente com todas as minhas reflexões em sala de aula, durante a formação, sendo a base para a graduação.

Fazer parte da construção infantil, acompanhar o desenvolvimento das crianças despertaram em mim um afeto por cada uma delas, dando importância à cada descoberta feita por elas. Vigotsky (2003, p. 301) já previa que o professor se tornaria participante ativo da vida escolar por assumir um papel criativo na formação da pedagogia quando se reconhece ser pedagogo, psicólogo e artista, percebendo ser participante ativo da vida de cada um de seus educandos.

Tanto no âmbito da ciência teórica, do trabalho ou da atividade prática social, sempre relacionará a escola com a vida através do ensino. [...] Inevitavelmente unido ao vasto trabalho social do cientista ou do político, do economista ou do artista (VIGOTSKY, 2003, 301).

Lembro-me de que no começo ficava desesperada com o som do choro das crianças, a atividade e a energia que eu consumia durante o dia. Costumo dizer que no INDI eu não podia nem piscar os olhos que alguma criança sumia, fugindo pela janela. Aprendi a resolver conflitos e a identificar as frustrações das crianças, dando vida as soluções dos problemas que

eu tinha simulado na entrevista.

Apesar de todas as boas experiências, mais uma vez, comecei a perceber a realidade e enxergar outras coisas além da beleza de acompanhar o desenvolvimento das crianças. A desvalorização da profissão colocou em prova minha decisão de tornar pedagoga. Era absurda a inferioridade do estagiário. Remuneração indevida e carga horária elevada, me impossibilitando de conciliar o estágio com os estudos, me afastaram da escola, me fazendo concordar com a afirmação que diz:

O desejo de que haja mais prática tem sido direcionado para o estágio supervisionado, visto que é nesse espaço escolar que o aluno tem, muitas vezes, o primeiro contato com a escola, agora não mais como aluno mas com o olhar de um futuro profissional do magistério (PEREIRA E PEREIRA, 2012, p. 23).

O contato com as crianças neste estágio me fez olhar para o mundo com diferentes olhos. Senti minha infância de novo, vibrei ao ensinar um aluno a amarrar o sapato e no dia seguinte ele vir correndo, ansioso, para me mostrar o laço feito sozinho, devagar, lembrando todos os passos que eu havia lhe ensinado no dia anterior. De acordo com Vigotsky (1926):

O professor deve viver na coletividade escolar como parte inseparável dela e, nesse sentido, as relações entre professor e aluno podem alcançar tal vigor, limpeza e elevação que não encontrarão nada igual em toda a gama social das relações humanas (VIGOTSKY, 2003, p. 300)

Portanto, considero o INDI a fase mais importante da minha graduação, apesar de curta, por ser o estopim da vontade em me tornar professora, buscar sempre a melhoria e o respeito a profissão afim de me tornar plena como docente para, assim, construir uma relação limpa e leve com aqueles que ousou ensinar.

Após a experiência enriquecedora na escola, decidi que seria importante experimentar, também, outras áreas da Pedagogia. Comecei um estágio na Secretaria do curso de Pedagogia à Distância da Universidade de Brasília – UAB/UnB. As funções administrativas ligadas a educação à distância, infelizmente não me encantaram tanto.

Em seis meses não me adaptei e tive autonomia para refletir sobre a minha posição, ser crítica de minhas atitudes e decisões, recusando, com sinceridade e clareza nos meus motivos, a renovação do contrato.

Senti falta do apoio dos outros profissionais do setor em relação à mim, como estagiária. CALDERANO (2012, p. 19) explicita isso, pois “parece não haver como materializar qualquer proposta se não for possível contar efetivamente com a cooperação de

todos os envolvidos”. Como estagiária, não tinha espaço para questionar o que era demandado nem a cunho de conhecimento e aprimoramento das minhas funções. Este fato se encaixa numa das contradições de ser professor em que seus próprios colegas de profissão desvalorizam o estudante futuro profissional da educação.

Esta experiência me frustrou enquanto profissional de pedagogia, pois estava admitindo sentir na pele as desmazelas contadas pelos professores com quem tive contato e ouvi desabafos. Entretanto, o estágio na UAB/UnB, assim como qualquer prática pedagógica, contribuiu para aprimorar minha experiência profissional e para refletir minhas preferências profissionais como pedagoga.

No campo da formação, há de se admitir também a diversidade de problemas encontrados. Entre os desafios, revela-se a fragilidade entre o campo de formação e do trabalho docente. Antes e ao lado disso, ressalta-se a necessidade de um aprimoramento constante nos processos de formação e nas condições do trabalho docente (CALDERANO, 2012, p.11).

O medo de me decepcionar novamente e as frustrações das experiências docentes anteriores, me incentivaram a deixar a prática do estágio um pouco de lado para aprimorar os estudos, que também já estavam sendo prejudicados pelos horários impossíveis de serem conciliados entre aulas na faculdade, estágio e estudos extra classe, também necessários a formação. Vigotsky (2003) avisa aos professores que:

a crescente complexidade das tarefas exigidas ao professor, a quantidade de recursos que se exigem dele se tornou tão infinitamente diversa e se complicou tanto que, se um professor desejar ser um pedagogo cientificamente formado, vai ter de aprender muito (VIGOTSKY, 2003, p. 300).

Concordando com isso, decidi por me dedicar somente à academia, exclusivamente, durante um ano da minha graduação. Ao aprimorar a teoria automaticamente aprimoramos a prática. Novos conhecimentos iluminam os pensamentos dos futuros professores, já iniciados na prática, ajudando na reflexão das atitudes e avaliação das minhas atividades profissionais.

Porém, senti falta do cotidiano profissional, pois já tinha percebido o quanto a realização da prática contribuíra para a minha formação até ali, mas ainda estava receosa quanto ao meio educacional.

Com isso, optei em estagiar num setor totalmente administrativo, no Arquivo Central, protocolo da Universidade de Brasília, na reitoria. Lá não se exercia funções pedagógicas de fato, o perfil do estudante de pedagogia era o que eles buscavam: paciente, cauteloso,

habilidoso e sensível ao próximo para lidar com o público externo ao setor, uma das principais e mais delicadas funções do Protocolo.

O trabalho totalmente mecânico, sem tratar diretamente de educação, de criança, me trouxe um conhecimento meramente funcional mas de muito valor profissional, enfatizando, mais uma vez, que a prática, seja ela em qualquer uma das áreas profissionais que o curso de pedagogia oferece, foi o ponto crucial na minha construção como pedagoga.

As experiências com a prática me renderam vários frutos. Tenho inúmeras histórias para contar sobre minhas vivências, empregos conquistados e experiências adquiridas. Após os diversos estágios realizados durante a minha graduação, pude refletir sobre o que é ser professora e como o processo de formação da profissão nos surpreende e nos ensina, clareando nossos pensamentos e elevando o meu ser para ser realizada em minha escolha profissional.

Capítulo 3 - Tornando-se professor

A etimologia da palavra professor vem do verbo latino, *profiteri* (declarar, professar). No dicionário Aurélio da língua portuguesa e, também, no senso comum a definição para professor é bem óbvia: aquele que ensina numa sala de aula. Certamente, há muito por trás disso. Ser professor abrange vários significados, funções e sentimentos.

A escolha pela profissão está relacionada as aptidões, desejos e influências do meio em que o sujeito vive. Pensar que a graduação formará um profissional completo é de fato uma constatação errônea. As experiências que aguardam o docente ao exercer sua profissão é o que dá a sensibilidade necessária para mediar tudo o que foi ensinado. Isso porque:

Diferentemente de outras profissões, o futuro professor começa a interagir com o seu ambiente de trabalho a partir do momento que inicia sua trajetória escolar. Ao longo de toda a sua formação escolar básica e profissional, o professor observa e aprende com a prática de seus mestres (CALDERANO, 2012, s.d.).

Para fortalecer ou produzir novas assimilações no cotidiano escolar é preciso conhecer a realidade dos alunos, assim como a orientação pra a escolha da profissão, que precisa ser focada na realidade cultural, social e no cotidiano de cada estudante de pedagogia para atingir o ponto certo, tratando-se de educação, e atender as necessidades do estudante de pedagogia para que ele possa compreender o curso e sua área de atuação.

Decidir pela docência não é uma missão fácil. Muitas vezes o professor é mais presente que a própria família na vida de seus alunos e acaba se tornando amigo daqueles que estão sobre sua tutela, criando laços entre o professor e o aluno. Penso que tal missão não pode ser cumprida somente pelo professor, pois o bom trabalho do mesmo não depende só dele mas também da motivação de seus alunos e dos vários ambientes profissionais que frequenta.

Freire (1997, p. 19) diz que a experiência docente, se bem percebida e bem vivida, vai deixando claro que ela requer uma formação permanente do ensinante. Formação que se funda na análise crítica de sua prática ou seja, preciso que o professor esteja sempre atualizado para acompanhar a mente veloz de seus estudantes. Ser honesto com suas limitações e buscar desenvolver habilidades. Fazer críticas construtivas a si mesmo como professor pois, docência exige conhecer-se para ser exercida, o professor deve tentar ser capaz de apontar seus próprios defeitos sem medo para assim solucioná-los.

Ser professor é ser crítico de si mesmo porque ensinar não é apenas a transmissão do

conhecimento. O pedagogo que busca ser professor, deve estar ciente de que sua escolha trará muitas responsabilidades e que essa profissão requer aprendizado constante, objetivando sempre uma educação mais completa e próxima a realidade de seus estudantes.

É que não existe ensinar sem aprender e com isto eu quero dizer mais do que diria se dissesse que o ato de ensinar exige a existência de quem ensina e de quem aprende. Quero dizer que ensinar e aprender se vão dando de tal maneira que quem ensina aprende, de um lado, porque reconhece um conhecimento antes aprendido e, de outro, porque, observado a maneira como a curiosidade do aluno aprendiz trabalha para aprender o ensinando-se, sem o que não o aprende, o ensinante se ajuda a descobrir incertezas, acertos, equívocos (FREIRE, 1997, p. 19).

O estudante tem a capacidade de se auto educar, isso se dá, também, a partir da convivência com seus familiares e amigos. “As aulas do professor podem ensinar muito, mas só inculcam a habilidade e o desejo de tudo o que provém de mãos alheias, sem fazer nem comprovar nada” (Vigotsky, 1926, p. 296). Portanto, o papel do professor é mediar o ambiente em que se dá o aprendizado e não impor o que seus alunos devem aprender, possibilitando assim uma aprendizagem ampla e funcional daquilo que a criança presencia em seu contexto social e cultural.

O professor não deve impregnar a cabeça de seus alunos de conhecimentos meramente programados, afinal, o docente não é uma peça que pode ser substituída por uma pesquisa na internet. A função do professor é instigar e fazer brotar a vontade da busca pelo conhecimento por parte dos alunos.

O Ofício do professor, componente do Programa de Aprendizagem para Professores dos Anos iniciais da Educação Básica (2002, p.12) ressalta que, muitas vezes, a dificuldade de aprendizagem dos estudantes está relacionada a falta de conhecimento e experiência em ensinar do professor. Para sanar essas dificuldades, o programa diz que é preciso:

Apresentar e desenvolver os conteúdos de maneira que os alunos não aprendam o conteúdo de forma imposta, sem critérios, o que a humanidade elaborou e nos deixou de herança; Promover capacidade de raciocínio, que permitam aos alunos aprimorar seus conhecimentos e refletir criticamente sobre o que aprenderam, de modo a ampliar sua visão do mundo físico e social; Formar responsabilidade social, levando os alunos a construir projetos pessoais nos quais estejam assegurados os valores democráticos (Ofício do professor, 2002, p. 12).

Na teoria, o professor torna-se então um “mestre”, incumbido da missão de educar, como um missionário que prega sua religião e com a importância de um sacerdote que discursa seus ensinamentos. Neste caso, a docência seria um sonho por conta de tamanha valorização à profissão.

A realidade da carreira docente, porém, é um pouco mais dura. Pouca remuneração, condições de trabalho muitas vezes precárias, escolas largadas. Quando os esforços e dedicação não são vistos, o profissional se sente desmotivado em várias situações. De herói o professor passa a ser apenas um trabalhador comum podado por suas frustrações, regredindo em séculos sua prática profissional retomando que:

A pedagogia no seu sentido original, é a atividade do escravo que conduzia as crianças aos locais de estudo, onde deveria receber instrução de seus preceptores. O escravo pedagogo era o “condutor de crianças (GHIRADELLI, 1994, p. 8).

Pressões emocionais repetidas no cotidiano de qualquer profissional não resultará num bom desempenho. O professor, especialmente, tende a lidar com as pressões de forma mais severa consigo. A cobrança por um bom resultado de seus estudantes e em saber sobre tudo, ou ser criticado quando comete erros, são fatores que dificultam a minha plenitude na profissão de professora. E o mais engraçado é que os mesmos amigos e familiares que nos cobram, nos parabenizam pela bela profissão que escolhemos. A vida de professor é verdadeiramente repleta de emoções e conflitos tanto profissionais quanto pessoais, resultado das pressões sociais, familiares e acadêmicas que surgem pela escolha dessa profissão.

Outro obstáculo encontrado na docência é a limitação de recursos físicos e intelectuais, que acaba deixando o professor, mesmo aquele que já tem experiência, inerte, sendo obrigado a seguir o que é programado, mesmo que seus estudantes não estejam assimilando ou de fato aprendendo o que está sendo trabalhado em sala.

A vontade de “fazer acontecer” ou “fazer diferente” com o tempo vai morrendo, sendo substituída pelo cansaço da luta que é necessária travar todos os dias. O desgaste emocional, doenças físicas e frustrações por não ser pleno em sua profissão vão ficando cada vez mais aparentes. Questões como “o que deu errado?” ou até mesmo “o que eu fiz de errado?” rondam os pensamentos de um professor que não está satisfeito com o seu trabalho.

Entretanto, para o real professor, para aquele que sente a profissão, tais desmazelas têm um efeito reverso e cria força de vontade para seguir adiante na conquista de seus objetivos em prol da educação. O desencorajamento advindo da desvalorização do profissional foi um fator esclarecedor das minhas ideias quando tive dúvidas sobre a escolha profissional. No momento em que alguns estudantes se deparam com os desafios da realidade educacional, preferem deixar a área, onde só permanecem profissionais aptos a exercer a docência de forma íntegra e eficaz.

O processo de ensinar, que implica o de educar e vice-versa, envolve a “paixão de conhecer” que nos insere numa busca prazerosa, ainda que nada fácil. Por isso é que uma das razões da necessidade da ousadia de quem se quer fazer professora, educadora, é a disposição pela briga justa, lúcida, em defesa de seus direitos [...] (FREIRE, 1997, p. 9).

As habilidades do professor estão muito além do que apenas ensinar e envolvem, também, artes, história, geografia. Temos que ser biólogos, assistentes sociais e médicos. Lidar com pessoas exige sensibilidade de quem as escuta, para que assim, consiga falar algo capaz de iluminar os pensamentos e contribuir para a construção do aluno. O professor que entra em uma sala de aula apenas para garantir o salário ao fim do mês e que não exerce sua profissão por livre e espontânea vontade e apoio a educação, prejudicará não só os alunos mas também à ele próprio.

A escola e a sociedade em volta do professor coloca à prova sua vocação, exigindo que ele faça um bom trabalho, sem levar em conta suas condições ou a real evolução de seus estudantes. Os docentes ficam empenhados no cumprimento do programa, e não com o conhecimento assimilado pelas crianças. A cobrança fundamenta-se pela quantidade de conteúdos ministrados, e não pela qualidade da aprendizagem

Vigotsky (2003, p. 296) já afirmava que “muitos comparam o trabalho do professor com o do artista”. Logo, a arte de educar me parece uma das mais difíceis a serem realizadas atualmente pois, o docente tem de assumir várias tarefas ao mesmo tempo, ser conselheiro, articular situações dentro da escola.

Essa pressão exercida pelas instituições, pelos estudantes e pais ou por qualquer órgão em que esteja subordinado o profissional da educação, engessa o docente. Por medo de ousar ou dúvidas de como ensinar e, na maioria das vezes, por não ter recursos necessários, acaba aderindo a um sistema mecânico que lhe é ensinado na teoria ou baseado nas normas de seu local de trabalho.

O Ofício do Professor – Aprender mais para ensinar melhor (2002, p.15-18) mostra, um fato importante na jornada do futuro professor quando menciona que “Os professores rígidos e que não enfrentam o medo podem ser bons funcionários mas são péssimos educadores.” A docência é uma profissão muito além do ponto confirmando presença e do cumprimento de horários. O professor precisa se entregar. Conhecer os integrantes de sua sala de aula e trabalhar com eles com delicadeza, atualizando as metodologias e estratégias de ensino, visando abranger as necessidades de cada educando em seu contexto, vistos no

ambiente escolar.

Além dos desafios em sala de aula, o professor trava uma das maiores batalhas do sistema trabalhista no Brasil, a desvalorização salarial que chega a ser absurda em algumas escolas. É difícil achar uma razão para este problema afinal, o professor é peça fundamental na escola e é o grande articulador da educação.

Certo dia li em um jornal uma manchete que me deixou curiosa. Dizia sobre o índice dos trabalhos “freelancer” mais procurados pela população brasileira. Ser professor estava lá no topo da lista de melhores “bicos” para se fazer, ao lado dos, também guerreiros, garçons. Logo me veio uma sensação ruim. Me perguntei o porquê de tanto esforço estudando durante anos para ter uma profissão que é considerada um passatempo apenas para conseguir dinheiro extra em que aparentemente não é necessário uma especialização.

Mas o problema é até mais sério. Os professores por ofício são os que aumentam esse índice. Analisando a realidade do professor, vimos que a maioria deles precisam se desdobrar em mais de um emprego. Um pela manhã, para garantir o almoço, e outro à tarde, para servir o jantar à mesa. O lanche fica por conta das atividades extras que fazemos, como os “bicos” que julguei à cima. Freire (1997) nos alerta que:

não é possível que continuemos com déficits tão alarmantes em nossa educação, o quantitativo e o qualitativo. Com milhares de professores ganhando às vezes menos da metade de um salário mínimo. Gente heroica, dádiosa, amorosa, inteligente, mas desprezada pelas oligarquias nacionais” (FREIRE, 1997, p. 33).

O desprezo, então, tenta tomar conta da profissão pois, toda a beleza em ser professor se esconde atrás de comentários cheios de pena.

São numerosos os desafios que rondam a carreira do professor, por sorte, não abalam a maioria de nós. Talvez a carreira de docente seja mesmo um dom, uma vocação, que apenas aperfeiçamos no decorrer da vida, com estudos teóricos e a prática do cotidiano. A construção do ser como professor é a mais árdua das missões profissionais. “O bom professor aceita riscos, dispõe-se a viver novas aventuras e ampliar seus conhecimentos. Aprende com o passado e reinventa o futuro” (Programa de Aprendizagem para Professores dos Anos iniciais da Educação Básica, 2002, p. 17).

A maior parte de nossas vidas é influenciada por nossas escolhas profissionais. O convívio diário com os colegas do trabalho e com os educandos, as horas de atividades levadas pra casa e o tempo dedicado ao planejamento das aulas. Então, é de extrema

importância que o professor tenha para si que terá que enfrentar as frustrações, aceitando os desafios impostos à profissão e tornar-se aberto para perceber a sinceridade e amor necessários à prática docente.

Considerações finais

Escrever este trabalho me fez ficar nostálgica por lembrar minhas experiências como estagiária. Ter essas vivências foi a bússola para a elaboração deste projeto. Ao realizar esta pesquisa, refleti sobre minhas ações como estudante de pedagogia e o susto inicial causado pela prática de estágio, quando afasta aqueles que não estão preparados para essa luta. Aqueles que tomam o susto como incentivo e força, lidam com o estágio de uma forma mais leve e construtiva sendo sensível às necessidades de cada estudante e alheio aos comentários que depreciam a profissão.

Com essa pesquisa constatei que um bom estagiário é aquele que a busca pela prática o instiga. Desenvolver habilidades através da resolução de conflitos cotidianos da escola me ajudaram, como aprendiz, a me criticar e a refletir sobre a minha escolha profissional.

Reflexões feitas a partir deste projeto me ajudaram a entender ainda mais a minha profissão. As leituras referenciadas se encaixaram com meus pensamentos e opiniões dando forma a esse texto. A carga teórica que foi ofertada durante a minha graduação também foi grande aliada nesta construção. Quando se planta dedicação de certo colherá um bom resultado como profissional.

As práticas pedagógicas aqui relacionadas me reforçaram a missão de aceitar a realidade escolar e conseguir se entregar à profissão não sendo coagida pelo sistema injusto da escola, que muitas vezes nos atinge. A coragem para conquistar seu lugar e saber seus direitos e valores desde a formação é o maior passo para vencer as dificuldades que rondam a carreira docente.

Como aprendizado levo as recomendações citadas neste projeto para me tornar uma boa profissional, seguindo na constante busca pelo conhecimento pedagógico, aperfeiçoando a incrível habilidade exigida na carreira docente, para que assim, eu possa compartilhar aprendizados com aqueles que me proponho a ensinar.

Perspectivas profissionais

Quando somos ainda muito jovens, temos que tomar a decisão que influenciará as nossas vidas: a escolha da profissão. Desde pequena aprendi com meu pai a seguir a carreira que gosta, seja ela o quão difícil parecer. Essas palavras me ajudaram a vencer os obstáculos que me deparei durante a graduação e seguir em frente pois, o meu objetivo sempre foi ser satisfeita em minha profissão.

A vontade de me formar pedagoga e o medo do que está por vir se chocam, deixando um grande ponto de interrogação na minha cabeça. Acredito estar pronta para o mercado de trabalho, para exercer a minha profissão, mas a ansiedade por poder ser chamada de professora após receber o diploma causa um frio na barriga, que me congela da cabeça aos pés. Um papel timbrado, finalmente conquistado, será a chave para abrir as portas do mercado de trabalho exercendo a profissão que escolhi.

Tantas expectativas já passaram pela minha cabeça, tantos desejos. Quem sabe morar em uma cidade litorânea dando aula na escolinha da esquina. Viver a vida cada vez mais leve, sem muito luxo, promovendo a igualdade e plenitude na convivência em sociedade. Ou até mesmo praticar isso em Brasília, minha cidade natal, colaborando para o melhoramento da educação que me beneficiou durante anos e formando pessoas melhores.

Os estágios realizados e o curso de Pedagogia me ajudaram a abrir os olhos e enxergar pontos de vistas diferentes, o que me dá vontade de estudar cada pedacinho desta área. Pretendo, então, com o conhecimento que adquiri durante o curso de Pedagogia, seguir adiante na carreira construída até agora com dedicação e delicadeza. Os desafios que aceitei até aqui ficarão para sempre como incentivo na minha busca constante pelo melhor desempenho como professora.

A vontade de batalhar pela realização dos meus sonhos e objetivos de vida foram fortalecidos pelos valores que aprendi enquanto estudante. Logo, abandonar a Pedagogia seria a maior ingratidão que poderia cometer com todos aqueles que participaram desse processo e me ajudaram a ser a pedagoga que estou me tornando.

Referências

BRASIL. Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008. **Estágio de Estudantes**

CALDERANO, Maria Assunção, Organizadora. **Estágio curricular: Concepções, reflexões teórico práticas e proposições.** Juiz de Fora: UFRJ, 2012.

CLAUDIA LEME FERREIRA DAVIS. **Ofício de Professor: Aprender Mais para Ensinar melhor, Volume 2.** São Paulo: Fundação Victor Civita, 2002. 8 v.

DAVIS, Cláudia Leme Ferreira et al. **Programa de aprendizagem para professores da educação básica: Ofício de professor - aprender mais para ensinar melhor.** São Paulo: Fundação Victor Civita, 2002, 8 v.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar.** São Paulo: Olhos D'água, 1997.

GHIRALDELLI JUNIOR, Paulo. **O que é pedagogia.** 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

MUNSTERBERG, H. Psychology and the Teacher. *In: VIGOTSKY, Liev Seminovich; trad. Claudia Shilling. **Psicologia pedagógica.** Porto Alegre: Artmed, 2003.*

PEREIRA E PEREIRA, Regina Coeli, Rosilene de Oliveira O estágio supervisionado no contexto da formação de professores. *In: CALDERANO, Maria Assunção, Organizadora. **Estágio curricular: Concepções, reflexões teórico práticas e proposições.** Juiz de Fora: UFRJ, 2012.*

VIGOTSKY, Liev Seminovich; trad. Claudia Shilling. **Psicologia pedagógica.** Porto Alegre: Artmed, 2003.